

### 3.4. Primeira e Segunda Guerra Mundial na LIJ portuguesa

Ana Margarida Ramos  
(CIDTFF – Universidade de Aveiro)

Sara Reis da Silva  
(IE – Universidade do Minho)



**Resumo:** Neste texto identificam-se e analisam-se de forma breve os textos narrativos de autoria portuguesa que tematizam os dois conflitos bélicos mundiais, a I e a II Guerras. Face à exiguidade do corpus identificado, procedeu-se ao comentário das obras, tendo em conta a forma como recriam os conflitos e as imagens que ajudam a construir deles junto dos seus leitores preferenciais. Ora mais elogiosas, ora mais críticas, as obras refletem não só o posicionamento (e a intervenção) dos respetivos autores nos conflitos, como colaboram na sua mediação junto dos leitores.

**Palavras-chave:** conflito, guerra, imagens, representações.

**Abstract:** It's our purpose to identify a corpus of Portuguese children's literature that depicts the two World Wars and to analyse them briefly. Given the small size of the corpus identified, we present an individual comment of every book, analysing how the two conflicts are depicted and what images they present to their readers. Between the expression of approval and a sceptic critical view, the texts under analysis reflect the author point of view of the conflict, sometimes his/her (in)direct intervention in the war, and they collaborate on his mediation among young readers.

**Keywords:** conflict, images, representations, war.

### Contextualização. Guerras e Literatura para a infância e a juventude

As figurações da guerra na ficção, independentemente do seu preferencial destinatário extratextual, têm sido constantes, perpassando todos os tempos. Basta pensar, por exemplo, nas diversas referências e alusões patentes na Sagrada Escritura ou, como recorda, Blanca-Ana Roig Rechou, no seu tratamento desde a *Iliada*, sendo um «tema que permite reflexionar sobre la condición humana y ha inspirado una abundante producción literaria» (Roig Rechou, 2012: 12). Já no caso português, um exemplo apenas, consensualmente incontornável, porque solidamente fixado na memória coletiva: a alegoria de Padre António Vieira (Lisboa, 1608-Salvador (Bahia), 1697), no *Sermão Histórico e Panegírico nos anos da Rainha D. Maria Francisca de Sabóia* (1668), passagem sobejamente conhecida, mas que vale a pena aqui evocar:

É a guerra aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. É a guerra aquela tempestade terrestre que leva os campos, as casas, as vilas, as cidades, os castelos, e talvez em um momento sorve os reinos e monarquias inteiras. É a guerra aquela calamidade composta de todas as calamidades, em que não há mal algum que ou não se padeça ou não se tema, nem bem que seja próprio e seguro: – o pai não tem seguro o filho; o rico não tem segura a fazenda; o pobre não tem seguro o seu suor; o nobre não tem segura a sua honra; o eclesiástico não tem segura a imunidade; o religioso não tem segura a sua cela; e até Deus, nos templos e nos sacrários, não está seguro.

Na verdade, na literatura portuguesa dita canónica, abundam segmentos nos quais se ficcionalizam ou retomam episódios bélicos que, aliás, têm proliferado na História de Portugal, desde os primórdios da nacionalidade. Desde *Os Lusíadas* (1572), de Luís de Camões (1524/1525?-Lisboa, 1580), passando por *A Peregrinação*

(1614), de Fernão Mendes Pinto (Montemor-o-Velho, 1509-Pragal, 1583), até vários outros títulos contemporâneos como, por exemplo, *A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho* (1983), *As Naus* (1988), *Tocata para dois clarins* (1992), assinados por Mário de Carvalho (Lisboa, 1944-), António Lobo Antunes (Lisboa, 1942), Mário Cláudio (Porto, 1941), respetivamente, alguns deles aflorando a guerra colonial, um dos conflitos que mais cicatrizes deixou na sociedade portuguesa, a guerra figura e dá conta de um posicionamento ora pontualmente elogioso, ora paródico, ora abertamente crítico e, por isso, não raras vezes, essencialmente de índole pacifista.

No caso concreto da literatura que tem a criança e o jovem como destinatários preferenciais, é possível elencar um conjunto significativo de obras, num extenso arco temporal, compreendido entre as duas primeiras décadas do século XX – é datada de 1914 a singular narrativa *O Navio dos Brinquedos*, de António Sérgio (Damão, 1883-Lisboa, 1969), e de 1918 o texto *De Como Portugal foi chamado à guerra*, de Ana de Castro Osório (Mangualde, 1872-Setúbal, 1935), apenas para citar dois exemplos – e a contemporaneidade. Importa sublinhar o facto de alguns dos mais relevantes autores da literatura portuguesa especialmente dirigida aos mais novos terem já ficcionalizado o tópico da guerra. Lembremos, por exemplo, além dos nomes já evocados, os casos, entre outros, de Leonel Neves (Faro, 1921-Lagos, 1996), Luísa Dacosta (Vila Real, 1927-Matosinhos, 2015), Ilse Losa (Melle, Alemanha, 1913-Porto, 2006), Luísa Ducla Soares (Lisboa, 1939-), Alice Vieira (Lisboa, 1943) ou José Jorge Letria (Cascais, 1951). Diversamente, cada um dos textos destes autores induz a refletir sobre as representações que os conflitos bélicos têm gerado na literatura para a infância. Em conjunto, permitem ponderar as leituras que a comunidade cultural portuguesa tem concretizado de si mesma e de outras, possibilitando a identificação de uma memória coletiva.

A relativa fertilidade literária e a recorrência da temática em apreço, as suas expressões, ora mais ou ora menos próximas do real empírico, em particular no que à escrita para a infância diz respeito,

tem motivado a problematização aturada por parte de estudiosos distintos.

Carol Fox (1999; 2001), em textos individuais, e num outro em coautoria com Peter Hunt (2004), por exemplo, sublinhou o aparente paradoxo da frequência do tema da guerra no universo da literatura para a infância e juventude, identificando diversas propostas para o seu tratamento e refletindo sobre as implicações da representação de um tema que, durante muito tempo, foi considerado tabu ou fraturante.

Associados à comemoração de efemérides, alguns conflitos bélicos suscitaram reflexão mais sistemática, tendo motivado iniciativas de distinta ordem, desde a publicação de seleções temáticas a antologias. Refiram-se, sem propósito de exaustividade, alguns exemplos concretos, como o projeto «War and Peace in Children's Books», financiado pelo programa Comenius, da União Europeia, realizado entre 1996 e 2000, que estudou as representações da guerra nas literaturas de países como a Bélgica, Portugal<sup>65</sup> e o Reino Unido, tendo produzido um catálogo trilingue, além de várias antologias e outros materiais de divulgação, culminando com a organização de um Encontro<sup>66</sup> internacional em Ypres, França, em 2000. Refira-se, igualmente, o projeto ibérico «A guerra civil española na narrativa infantil e xuvenil (1975-2008) nas linguas de España», desenvolvido entre 2009 e 2012, sob a direção científica de Blanca-Ana Roig Rechou<sup>67</sup>, financiado pela Consellería de Economía e Industria da Galicia, no âmbito do «Plan Galego de Investigación, Desenvolvemento e Innovación Tecnolóxica» (Incite) [2009/PX066]. Este pro-

65. Em Portugal, resultou deste projeto a publicação de uma antologia editada por Manuela Fonseca *et al.* (2001).

66. Este Seminário – War Game? – European Seminar on War and Peace in Literature for Young People – contou com a presença de José António Gomes. Na altura apresentou uma intervenção intitulada «A paz e a guerra – factos e ficções».

67. A mesma investigadora coordena um outro projeto de investigação sobre este tema, intitulado «Tematología y Métodos. Las guerras en la narrativa juvenil en el Marco Ibérico» (Ministerio de Economía y Competitividad. FFI2013-42702-P).

jeito deu origem a várias publicações<sup>68</sup> e os seus principais resultados (Rechou *et al.*, 2012; 2014) estão disponíveis em diferentes línguas e países. No final de 2015 (Fernández *et al.*, 2015), veio a lume um volume temático que reuniu as intervenções apresentadas nos 20<sup>os</sup> Encontros Luso-Galaicos do Livro Infantil e Juvenil realizados no ano anterior, no Porto, onde a questão dos conflitos bélicos foi alvo de reflexão e de debate.

Alvo de denúncia ou objeto de exaltação, neste caso associado às lutas fundadoras, de claras repercussões identitárias, a guerra também pode surgir como um elemento que assegura a existência de um território como país autónomo e soberano: «Nation-building, going from repression to emergence, is naturalised, the child invited to envisage his growth and maturation in the parallel with the development of the nation on its way to freedom» (Beauvais, 2013: 116). As guerras e outros conflitos armados podem surgir literariamente recriadas como elementos configuradores da identidade, na medida em que estimulam as oposições entre «nós» e os «outros» (Meek, 2001: ix) de forma clara e inequívoca, prestando-se a leituras patrióticas.

Retomando a reflexão de Carol Fox, por exemplo, note-se que esta investigadora identifica um tratamento especial que a II Guerra Mundial conhece na literatura infantil inglesa, sendo recriado como um acontecimento de cariz «mythical and nostalgic» (Fox, 2001: 45), associando essas representações a um desejo de reforço identitário, destinado a estabelecer uma oposição estruturante entre um «nós» e os «outros». Em outros casos, possivelmente mais relevantes e frequentes, o tratamento literário da guerra serve a denúncia do seu absurdo, podendo dar voz às suas vítimas inocentes, sobretudo as infantis. Neste caso, as recriações literárias das guerras opõem-se à banalização de que são alvo por parte dos meios de comunicação social, reivindicando aproximações que se centram no seu questio-

68. Ver, por exemplo, Roig Rechou e outras (2012), e Roig Rechou e Ruzicka Kenfel (2014).

namento ou no horror das suas consequências, muitas vezes a partir da humanização das vítimas. Transversal à grande maioria dos textos é o tratamento do tema da guerra com vista à promoção de uma cultura de paz, de respeito pela vida e de defesa dos direitos humanos.

### Subsídios para a identificação de um corpus textual português sobre as guerras mundiais

#### I Guerra Mundial

Relativamente à I Guerra Mundial, é possível identificar quatro textos de potencial receção infantojuvenil publicados sobre o tema em Portugal. De género, extensão e registo variado, oscilando entre a crítica e o elogio da participação portuguesa naquele conflito bélico, os textos não seriam todos hoje enquadráveis nas ofertas de leitura para os públicos mais jovens, não obstante as qualidades literárias e estilísticas de algumas destas recriações, quase todas redigidas muito próximas temporalmente do episódio histórico em questão.

Da autoria de António Sérgio<sup>69</sup>, figura destacada da cultura portuguesa, a obra *O Navio dos Brinquedos* integra a Biblioteca da Renascença Portuguesa e que foi dada à estampa em 1914. Representa o primeiro livro do autor em pauta especialmente vocacionado para os leitores mais novos e exhibe um conjunto de singularidades decorrentes do seu próprio contexto de escrita: a I Grande Guerra Mundial e um episódio em concreto. Brevíssima narrativa de apenas quinze páginas, o seu enraizamento no real empírico ou factual é notório desde a abertura, prolongando-se até ao seu desfecho:

69. António Sérgio (1883-1969), dividiu a sua atividade por vários domínios, desde o ensaísmo, a pedagogia, o cooperativismo, a política, a História, a crítica e a arte literária. O seu gosto pela escrita especialmente vocacionada para os mais novos resultou na edição de títulos como, entre outros, *Na Terra e no Mar* (1924), que contou com o registo visual de Raquel (Roque) Gameiro (1889-1970) ou *Os Conselheiros do Califa* (1927), ilustrado por Mâmia Roque Gameiro (1901-1996) e *Os Dez Anõesinhos da Tia Verde Água* (1945), com ilustrações de Milly Possoz (1889-1968).

Chegou ha poucos dias á Italia o Navio dos Brinquedos.

Imaginem um vapor grande, todo cheio de brinquedos e de fatinhos que as meninas e os meninos dos Estados Unidos da America mandam para os filhos dos soldados que estão na guerra. Pois não acham bonita a historia? E não teem vontade de saber como isto se fez? E que gente, e que terra é essa donde veem tantos brinquedos, em tamanha quantidade que fôram capazes de encher um navio grande, muito grande, movido a vapor feito de ferro?

Pois aí vai a verdadeira história (Sérgio, 1914: 3-4)

É, ainda, um texto pautado por francos pressupostos moralizadores, por uma preocupação educativa e/ou por objetivos didáticos e instrutivos, transcritos num constante tom pedagógico. Ao discurso ideológico, consubstanciado numa apologia imperturbável do povo Americano, acresce o elogio de valores como a solidariedade, o humanismo ou o trabalho, por exemplo, de um ideal cívico, além de implicitamente também da criança enquanto ser capaz de se mobilizar e de mobilizar os adultos em prol de uma causa. A criança age, tem vontade e manifesta sentido de entreatajuda: «Estava um menino Americano ouvindo dizer que a guerra duraria decerto até ao fim do ano. Começou então a pensar lá consigo que se assim fosse, os filhos dos soldados que estão na guerra não teriam quem lhes desse brinquedos este ano pelo Natal» (Sérgio, 1914: 9).

A estratégias técnico-compositivas como o encaixe narrativo juntam-se mecanismos expressivos como a interpelação direta do destinatário extratextual ou, até, a simplicidade lexical, entre outros, aspetos que, na verdade, distinguem o discurso literário de António Sérgio, em *O Navio dos Brinquedos*.

A especificidade do potencial recetor da obra parece também ditar a própria inclusão de diversos detalhes ilustrativos, de pequenas imagens, assinadas por Vasco Lopes de Mendonça (1883-1963), que recriam elementos como um peixe, uma menina de capuz, um cavaleiro de pau, um prédio, entre outros, e muito especialmente de um navio que, surgindo na capa da obra, é retomado quase no final do volume. Todas monocromáticas, desenhadas a traço fino e caracterizando-se pela simplicidade e pela sobriedade, as imagens disseminadas pela obra captam pormenores fundamentais da narrativa,

concedendo particular relevância à figura infantil e ao próprio navio que, na capa, surge em grande plano, aportado, com uma fileira de brinquedos a soltar-se de si em direção à terra, representação visual que sugere movimento/ação e, até, em certa medida, liberdade.

*De Como Portugal Foi Chamado à Guerra. História para Crianças*, de Ana de Castro Osório (Mangualde, 1872-Lisboa, 1935)<sup>70</sup> é um mais um dos poucos volumes portugueses inseridos na temática da guerra que possui um contexto ou uma motivação histórica específicos: a Primeira Grande Guerra Mundial.

Num discurso revelador de uma consciência histórica, mas ostensivamente condicionado e/ou ideologicamente implicado, e a desvendar os interesses autorais, a subjetividade prevalece, contrariando, em certa medida, aquilo que é apanágio da escrita da História, ou seja, a objetividade. Na verdade, observa-se o recurso assíduo a estratégias discursivas de teor argumentativo, de fundo valorativo e/ou judicativo, porque pretende-se defender e justificar a importância da participação portuguesa no conflito mundial, entendido também como favorável a esta pátria, procurando-se convencer o leitor de que a vitalidade, a ação e o heroísmo desta decorrentes são determinantes para o país. Para tanto, condena-se sistematicamente a postura alemã, assumindo-se abertamente uma aversão ou germanofobia e, em contrapartida, uma entusiasmada anglofilia.

A construção argumentativa que o texto evidencia tem também como finalidade o persistente elogio do povo Português, ou, como escreve, «a religião patriótica de todos os portugueses» (Osório,

70. Ana de Castro Osório (Mangualde, 1872-Lisboa, 1935), escritora e militante dos direitos das mulheres, é uma figura marcante da cultura e da literatura portuguesas. Dedicou-se à literatura para crianças, embora também tenha escrito para adultos vários romances, novelas, comédias e contos. «Para Crianças» é o título de uma coleção editada por ela composta por 18 volumes. Com esta coleção, pretendeu criar uma literatura infantil de inspiração portuguesa, com contos próprios para aquela faixa etária. Assim, a Biblioteca Infantil Ilustrada obteve, logo no ano da sua edição, o Grande Diploma de Honra na Exposição da Imprensa. *Viagens aventurosas de Felício e Felizarda ao Polo Norte* (1920) e *Viagens aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil* (1923) são duas das suas mais conhecidas obras infantojuvenis.

1918: 98), e a síntese desta máxima intenção surge materializada nos dez mandamentos elencados no último capítulo «O que Portugal quer e espera de seus filhos».

Atente-se, ainda, na própria extensão do volume – 100 páginas, ocupadas por dezanove capítulos. Esta poderá representar um obstáculo para o leitor infantil, que, com a sua falta de experiência de vida, com um perfil linguístico e uma compreensão leitora marcados por algumas restrições, verá comprometida a qualidade da interação que poderá manter com o texto e provavelmente terá dificuldades em sentir-se confortável face a uma «massa» textual como esta. Constata-se, porém, uma intenção autoral de aproximar-se do leitor, quer pelo frequente tom coloquial, quer pelas sucessivas invocações/interpelações diretas do destinatário preferencial, quer, ainda, pela preocupação em explicar/em ensinar (porque o intuito pedagógico – e moralizante – é aqui forte).

Devendo ser lida como «um caso extremo da literatura infantil republicana», com «intenções (...) declaradamente políticas» (Lemos, 1972: 20), como escreve Esther de Lemos em *A Literatura Infantil*, a obra *De Como Portugal Foi Chamado à Guerra. História para Crianças* dá, acima de tudo, conta da militância da autora, mas também da sua visão informada e da sua perspetiva crítica (muito pessoal – é certo) face ao real e ao acontecimentos bélicos que marcaram a Europa num período de 1914-1918.

O Capitão João Guilherme de Menezes Ferreira<sup>71</sup> é o autor de *João Ninguém: Soldado da Grande Guerra*, obra datada de 1921, subin-

71. Menezes Ferreira (1889-1936) foi um oficial do exército que participou no golpe militar que derrubou o regime monárquico em 5 de Outubro de 1910. A sua carreira militar levou-o primeiro a Angola (1914), tendo integrado a primeira força expedicionária enviada para esse território, pouco depois de ter deflagrado o conflito mundial de 1914-1918. Mais tarde, fez parte dos primeiros grupos de oficiais do Corpo Expedicionário Português, enviados para França para combaterem na frente europeia. Além das suas qualidades como militar, Menezes Ferreira tinha também qualidades artísticas, tendo passado para o papel vários desenhos sobre o quotidiano das forças portuguesas na frente europeia. Documentou, pois, a guerra num registo próximo da banda desenhada, na obra *João Ninguém – Soldado da Grande Guerra* (1921, reed. 2014). A temática militar foi a sua preferida ao longo

titulada «Impressões humorísticas do CEP». CEP, recorde-se, era o acrónimo de Corpo Expedicionário Português, a principal força militar que, durante a Primeira Guerra Mundial, Portugal enviou para França, com o objetivo de, por via da participação ativa no esforço de guerra contra a Alemanha, que ameaçava também os então territórios ultramarinos de Angola e Moçambique, granjear apoios dos seus aliados e evitar a perda daqueles territórios. O livro é dedicado «A todos os simples soldados de Portugal orgulho da nossa raça» (p. 60) e, nas «Duas palavras» introdutórias, pode ler-se: «Por mim, na ideia firme de glorificar os heróicos soldadinhos de Portugal, resolvi escrever um dia este livro de bom humor, numa linguagem simples e pitoresca para que mais facilmente fosse compreendida pelas crianças e por toda a gente da nossa terra» (p. 64).

Com uma pequena quadra impressa a vermelho, colocada em epígrafe de cada um dos dois capítulos (o segundo é mais longo), o texto narra a viagem dos soldados portugueses até França e, em seguida, a permanência neste país e na Flandres, com a descrição do quotidiano tanto nas trincheiras como na retaguarda, até ao desastre de 9 de Abril de 1918, ou seja, até à «pavorosa batalha de La Lys» (p. 108), em que «perderam a vida milhares de soldadinhos defendendo à baioneta, num supremo arranco de valor, o prestígio das velhas Quinas» (p. 108).

O relato e as descrições são vivos, havendo cópia de pormenores sobre o dia a dia e sobre os relacionamentos, não só com ingleses e com franceses, mas também com a população flamenga, do pobre «João Ninguém». Curioso nome este, com algo de sinédoque e de alegoria, que Menezes Ferreira inventa para assim equalizar e ao mesmo tempo definir todos os soldados rasos, pois é sobretudo desses que se fala, arrancados aos seus meios rurais e serranos, e atirados às feras no coração da Europa, quase sem preparação e sem treino adequado. A atitude do narrador é de comunhão e de solidariedade, por vezes de

da sua carreira, tendo também assinado as obras *O Fusilado* (conto, 1923), *Um Conto do Natal* (1924), *Viagem Maravilhosa de Gago Coutinho e Sacadura Cabral* (1924) e *À Luz do Lampadário* (1927).

sentida compaixão, para com os soldadinhos lusos, lamentando a sua sorte, mas valorizando patrioticamente a sua ação. Partilha a inimizade em relação ao «boche», ou seja o alemão, e revela-se, naturalmente, defensor do eixo anglo-francês e da velha aliança luso-britânica. Mas o pobre soldado português também é apresentado como uma espécie de desprotegido juguete nas mãos de forças mais poderosas: as dos políticos republicanos do governo de Portugal – que forçaram a participação do país na guerra com um exército impreparado – e as das potências estrangeiras em conflito.

Num desenho de grande qualidade, as suas coloridas vinhetas (*gouache* e aguarela), acompanhadas, ao longo do volume, por elementos de pormenor desenhados a preto e branco (latas de ração, cantis, canecas de cerveja, latrinas de campanha, sacas e mochilas, etc.), investem no registo caricatural, embora nem sempre se possam considerar verdadeiras caricaturas. Algumas caracterizam-se por um traço relativamente realista, aqui e acolá com um cunho lírico, que trabalha os cenários e o seu clima psicológico e põe em evidência a crueldade da guerra, as sensações de desconforto, de frio, e até os sentimentos de solidão e abandono experimentados pelos soldados num ambiente adverso, de enorme violência. Não obstante, o humor é uma das marcas do livro, como se Menezes Ferreira tivesse querido amenizar o trágico da guerra com um retrato, cheio de graça, da pobre tropa portuguesa, mergulhada, a contragosto, no cruel caldeirão da Primeira Guerra Mundial, e longe de conhecer inteiramente o contexto político em que tinha sido metida e os senhores a quem servia.

«O filho de Felícia ou a inocência recompensada», de Aquilino Ribeiro<sup>72</sup> integrando a série de contos de *Arca de Noé III Classe* (Venda

72. Aquilino Ribeiro (Sernancelhe, 1885-Lisboa, 1963) é um dos romancistas portugueses mais fecundos da primeira metade do século XX. Homem de ação, teve uma vida preenchida, ocupada pela escrita ficcional – com cerca de 60 volumes editados – e pela escrita cronística para a imprensa periódica, pelo trabalho de professor no Liceu Camões, onde fica durante três anos, e, posteriormente, pelo cargo de segundo bibliotecário na Biblioteca Nacional. A sua vastíssima obra literária integra três títulos destinados aos leitores infantojuvenis: *Romance da Raposa* (1924), *Arca de Noé III Classe* (1936) e *O Livro de Marianinha* (1967).

Nova: Bertrand, 2000), datada de 1936, em que as personagens principais são quase sempre bichos, em especial alguns dos mais «modestos» na «hierarquia» animal (burro, cão, grilo, macaco...). O texto em análise mistura elementos do conto tradicional popular do tipo facécia (que, aliás, lhe serve de base) e elementos da narrativa picaresca. O protagonista, Pedro, é o modelo do herói tonto (na verdade, um anti-herói), de raiz rural, que tem vinte e poucos anos.

Provavelmente, este texto terá sido produzido na primeira metade dos anos trinta, após o golpe de estado do 28 de Maio de 1926, que instituiu a ditadura, ou seja após um período histórico em que o exército português (o serviço militar era obrigatório) estivera em ação em vários cenários: em parte, na implantação da República; depois, na Primeira Guerra Mundial, quer na Europa, quer nas então colónias de Angola e Moçambique.

Na primeira grande sequência do conto, observa-se a presença de elementos bélicos. A ação decorre no quartel, para onde Pedro vai cumprir o serviço militar e o seu relato pauta-se por uma original configuração humorística. Na verdade, o humor serve a crítica à instituição militar, partindo da personagem-tipo do *soldado raso aldeão* («magala»). No texto de Aquilino, inverte-se, porém, o sentido habitual da crítica e da irrisão, regra geral, associado ao tipo. Por outras palavras, não é o aldeão/ingénuo que surge satirizado, mas sim os que pretendem minorizá-lo e pô-lo a ridículo. Recorrendo ao cómico de carácter – Pedro, sargento, capitão... –, de situação e de linguagem, Aquilino Ribeiro aborda, mais uma vez, uma série de pares temáticos, em que o primeiro elemento sai enfatizado: a inocência e ingenuidade *versus* o oportunismo, a manha, o engano, o autoritarismo, a pretensa superioridade...; a inocência «raciocinadora» *versus* a pretensa inteligência superior e a autocracia; o trabalho (Pedro, Micas) *versus* a improdutividade e a preguiça (capitão Napoleão Militão, etc.); os pobres (protegidos (por Deus? pelo acaso?)) *versus* os endinheirados; e a cultura campesina *versus* a cultura urbana (burguesa).

## II Guerra Mundial

No caso da segunda guerra mundial, verifica-se a existência de um maior distanciamento temporal entre o episódio histórico e as suas recriações literárias, o que facilita a perceção de todas as suas implicações e consequências.

Denso, genuíno, sóbrio, forte, dramático, emocionante, numa palavra, singular, *O Mundo em que Vivi*, de Ilse Losa<sup>73</sup> (1913-2006), autora galardoada em 1984 com o Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças, é já um clássico da literatura infantojuvenil portuguesa, podendo, inclusivamente, situar-se no domínio da “crossover fiction audience” ou da literatura de receção dual.

*O Mundo em que Vivi*, em primeira instância, motivada pela memória, porque este foi, na verdade, o “mundo em que viveu” a própria autora, é uma narrativa extensa, estruturalmente complexa e tematicamente inovadora, especialmente à data da primeira edição, na medida em que aí se observa a presença de tópicos como a guerra (II Grande Guerra), a resistência a ideologias totalitárias, a morte e até a diversidade religiosa.

A narradora autodiegética, Rose Frankfurter, dedica-se, assim, ao relato das suas vivências, desde a primeira infância, nos finais da I Grande Guerra Mundial, até ao período do regime de Hitler e ao exílio após a ameaça e a eminência da captura e de um campo de concentração. Ao longo da narrativa, a protagonista vai dando a conhecer várias figuras familiares, minuciosamente apresentadas: o pai, negociante de cavalos, falecido, os tios Franz e Maria, o avô Markus, a adorável avó Ester (Kleine Oma), Paul (o jovem quase-namorado que se inibe face ao ambiente que se vivia) e Kurt (o jovem apaixonado).

73. Ilse Losa (Melle, Alemanha, 1913-Porto, 2006) chegou a Portugal em 1934, fixando residência no Porto, depois de ter sido ameaçada pela Gestapo de ser enviada para um campo de concentração, devido à sua origem judaica, e de uma passagem, ainda, por Inglaterra. Em 1949, publicou o seu primeiro livro *O Mundo em que Vivi* e, desde essa altura, dedicou a sua vida à tradução e à literatura infantojuvenil. Dedicou-se, pois, à escrita e à corrdenação de coleções, por exemplo, para a Asa. Em 1984, foi galardoada com o Grande Prémio pelo conjunto da sua obra dirigida às crianças.

nado, de sólidas convicções), entre outras. Genericamente, a ação principal e todas as ações secundárias representam um cenário e um contexto marcados pela opressão e pelo antissemitismo dominantes na Alemanha nazi. Diálogos como o que pontua o último capítulo da obra, neste caso entre Rose e um membro da Gestapo, dão bem conta da tensão dramática que caracteriza o percurso vivencial da narradora.

Em suma, tendo como cenário a Alemanha Nazi, esta é uma narrativa na primeira pessoa protagonizada por Rose, uma menina judia que conta as suas vivências familiares e religiosas, dando conta também de alguns dos momentos cruciais do seu crescimento. A densidade psicológica da heroína, em especial a sua força de viver, e o realismo descritivo que marca os cenários (em muitos momentos, pontuados por elementos de índole contextual/histórica), a par das reconhecíveis marcas de autobiografismo (romanceado), não deixam que o leitor abandone a leitura deste livro, publicado, pela primeira vez, em 1949.

Em «Apesar de tudo», um conto integrado na coletânea *A minha melhor história* (1985), de Ilse Losa, somos confrontados com um dilema inquietante e perturbador que resulta dos conflitos vividos durante a vigência do regime hitleriano. A narrativa centra-se nas consequências privadas, quase íntimas, das guerras e dos conflitos humanos que delas resultam. No conto em questão, coloca-se o problema do convívio e da amizade entre os filhos – ainda crianças – de famílias pertencentes a fações inimigas. Assim, e «apesar de tudo», como o título anuncia, o peso negativo do passado parece inferior à esperança que é depositada nas gerações mais jovens de um futuro melhor, regenerado e dialogante. O convívio entre «inimigos» é, pois, simultaneamente, o luto do passado e a esperança da mudança no futuro, simbolicamente representada na dança de roda final que inclui Marta, o seu filho Rolf e todas as crianças, incluindo o filho do «seu» inimigo. Também aqui a gravidade da guerra é um conceito que parece exceder a compreensão da criança:

Há poucos meses a guerra acabara. Rolf apesar de não saber ainda avaliar o que significavam guerras parecera, no entanto, compreender que alguma coisa de calamitoso tinha chegado ao fim. Abraçara a mãe e dissera: “Ainda bem”. Mas, em seguida, fora à rua brincar (Losa, 1985: 31 e 32).

O conto inicia-se como uma breve contextualização<sup>74</sup> histórica que dá conta do regime alemão que antecedeu o desenrolar dos acontecimentos que conduziram ao segundo conflito mundial. Se se fizer jus à epígrafe de Albert Einstein, trata-se aqui de entender a literatura, nomeadamente a destinada aos mais jovens, como um alerta das consciências para que a Humanidade aprenda com os erros do passado.

José Jorge Letria, em *Campos de Lágrimas* (2000), assumindo, desde o início, a função didática da sua obra, dá a conhecer as atrocidades cometidas pelo regime Nazi durante a Segunda Guerra Mundial. A Guerra Civil Espanhola, onde a força militar alemã participou de forma ativa e empenhada, nomeadamente em bombardeios indiscriminados a zonas civis que resistiam aos avanços franquistas – de que Guernica é, afinal, o exemplo mais simbólico, é referida na pequena novela portuguesa. O tempo histórico deste texto juvenil coincide com um dos momentos mais trágicos da humanidade. A Segunda Guerra Mundial, o Holocausto nazi e, muito particularmente, os campos de concentração são os elementos referenciais que sustentam esta narrativa na qual se conta a história de uma família portuguesa que, numa viagem de verão e motivada pelo reencontro com a memória de um avô, visita a cidade e o campo de Weimar na Alemanha. Francisco procura, assim, que os seus filhos adolescentes, através do regresso aos caminhos e aos espaços que o seu avô calcorreou, tomem consciência do drama por

74. Confrontar com «nos anos de 1933 a 1945 a Alemanha era dominada por um regime cruel e arrogante. Os governantes seus adeptos tinham-se como homens superiores; achavam-se no direito de torturar e até de matar todos os que não pertencessem à raça germânica, “a raça superior” como a classificavam, e também aqueles que, mesmo pertencendo a essa raça, não concordavam com as práticas deshumanas do regime e tinham coragem de o dizer» (Losa, 1985: 29 e 30).



que passaram milhares de seres humanos sob a pesada máquina de terror nazi. Note-se que, logo na abertura da narrativa, esta personagem do passado é colocada em destaque:

O avô fora sempre um homem de sonhos e de ideias. Tinha combatido do lado republicano na Guerra Civil de Espanha. Derrotados os republicanos pelas tropas do general Franco, que contava com o apoio dos fascistas de Itália, Alemanha e Portugal, partiu para França, onde acabou por ser capturado pela Gestapo, polícia política do Partido Nazi, e levado para um campo de concentração, onde acabou por morrer. As últimas notícias que os seus pais tiveram dele davam-no como prisioneiro no campo de Buchenwald, na Turíngia, Alemanha, embora nunca se tenha encontrado registo que confirmasse a sua morte naquele local de horror e miséria humana (Letria, 2000: 9).

Mais adiante na narrativa, acrescenta-se que, «... quando começou a Guerra Civil de Espanha, ele ofereceu-se para combater nas Brigadas Internacionais» (Letria, 2000: 40) e, terminado este conflito, viu-se obrigado a exilar-se em França, terminando, como mencionamos, no campo de concentração de Buchenwald. Duas Histórias, que, afinal, acabam por ser uma só – a da Guerra Civil de Espanha e a da II Grande Guerra Mundial –, cruzam-se por meio da ação da personagem apenas aludida, mas central do ponto de vista da construção ficcional. À medida que a história se vai desenvolvendo – com a viagem, com a visita ao referido campo de concentração e também com o passeio pela cidade de Weimar –, o relato destaca-se pela incidência de elementos factológicos/históricos<sup>75</sup> e pelas diversas referências literárias e artísticas<sup>76</sup>, aspeto que se repercute, por exemplo, na própria extensão dos segmentos em discurso direto de algumas personagens. Nesta narrativa de José Jorge Letria, a verdade histórica, uma certa preocupação com o rigor do discurso e a frequência de frases sentenciosas (por exemplo, acerca da condição humana, da intolerância, da discriminação ou do

75. Como, por exemplo, a referência ao número de óbitos ou às terríveis práticas de extermínio do campo de concentração visitado pelas personagens. A inclusão, no final da obra, de uma «Breve cronologia dos Anos de Guerra» parece confirmar esta preocupação factológica.

76. A Goethe, a Anne Frank, a Mozart, Beethoven e Bach, por exemplo.

genocídio) suplantam e ganham maior visibilidade do que a história breve de uma família em férias na Alemanha.

Sem didatismo excessivo, mas com rigor histórico e fiel ao texto matriz com o qual estabelece um diálogo intertextual, *Mouschi, o gato de Anne Frank* (2002), de José Jorge Letria<sup>77</sup>, proporciona ao leitor um contacto efetivo com as consequências da guerra no universo quotidiano e privado de uma família e de uma adolescente, evidenciando aspetos esquecidos dos conflitos.

Nesta obra, o discurso é colocado na voz do gato que coabitou com um grupo de judeus num esconderijo de Amsterdão, entre 1942 e 1944, durante a perseguição nazi. Pautado, desde o início, por um dramatismo e uma notória emotividade, este pedaço da vida da jovem que queria ser escritora e jornalista surge, no livro de José Jorge Letria, recontado pelo seu animal de estimação (aqui personificado) que existiu realmente e que foi levado para o anexo por Peter Van Pels, um jovem companheiro de Anne Frank. Transformado em personagem literária responsável pela enunciação discursiva, como sugerimos, Mouschi testemunha e faz o leitor testemunhar a tragédia humana do quotidiano de um grupo de pessoas refugiadas e esperanças na libertação do jugo nazi. Em muitos momentos, aquilo que podemos ler neste livro de J. J. Letria é reflexo do riquíssimo espaço psicológico coincidente com as vivências mais íntimas do gato Mouschi, cuja expressão é já filtrada pela passagem de alguns anos sobre a separação da sua amiga Anne Frank: «já passaram alguns anos e continuo a sentir muitas saudades da minha amiga Anne Frank, mesmo quando me lembro das vezes em que ela me dava um pequeno piparote» (Letria, 2002: 3).

77. José Jorge Letria (Cascais, 1951-) é um dos mais prolíficos autores da literatura portuguesa, tendo assinado já cerca de duas centenas de títulos. À literatura para a infância tem dedicado uma grande parte da sua vida. Várias das suas obras foram já reconhecidas com prémios como o Prémio de Literatura Infantil da APE, com *Histórias do Arco-Íris* (1980), Prémio «O Ambiente na Literatura Infantil», com uma *Viagem no Verde* (1985), Prémio Calouste Gulbenkian de Livros para Crianças, com *Pelo Fio de um Sonho* (1992), obra que já tinha obtido o Prémio Literário Ferreira de Castro em 1989.

Trata-se, afinal, de um texto profundamente emotivo, a tocar, por vezes, o confessional, no qual encontramos sugestões, mais ou menos veladas, por um lado, do amor, da angústia da separação e da saudade de Mouschi por Anne Frank e, por outro lado, do ódio e da raiva que o felino – no fundo, representando aqui as mais naturais emoções humanas no contexto em questão – sente por aqueles que aprisionaram e causaram a morte da sua amiga. Torna-se, assim, inevitável, durante a leitura deste texto próximo do registo diarístico e no qual predomina o monólogo (muitas vezes, interior), não recordarmos, a todo o momento, o relato autobiográfico de Anne Frank no seu célebre *Diário* e todo o contexto de escrita que lhe esteve subjacente. É, pois, uma narrativa nascida de um percurso de reinvenção intertextual, sugerido pelo título, e cuja focalização realizada a partir do ponto de vista do gato, como sugerimos, permite a reconstituição do percurso de personagens referenciais de perspetivas originais, uma vez que o narrador felino tem grandes afinidades com a sua dona e transmite, desta forma, uma visão particular da sua vida, emoções, pensamentos e ações. A identificação dos leitores com a protagonista da obra, facilitada pela idade próxima, pelas atividades desenvolvidas, pelos gostos e comportamentos, fortalece a perceção das consequências particulares e amplamente trágicas dos conflitos armados.

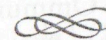
A novela juvenil de Conceição Dinis Tomé, *O Caderno do Avô Henrich*, galardoada com o Prémio Literário Maria Rosa Colaço – Literatura Juvenil 2012, centra-se numa história de amizade entre dois amigos, Henrich, um rapaz alemão, que vivia em Varsóvia, e Jósef, um menino judeu, oriundo de Berlim e que é levado para o gueto dessa cidade. Tendo como cenário a Polónia da Segunda Guerra Mundial e sendo a ação, portanto, emoldurada pelo regime hitleriano, a narrativa é protagonizada pelas duas crianças referidas. A estas juntam-se uma série de outras personagens, em concreto e entre outras o Professor Ludwick, que ensina violino, Petroski, o jardineiro, ou Hannah, a funcionária da biblioteca, um conjunto cuja presença compõe um espaço social e um tempo histórico verosímeis.

Colocado na voz de Henrich, um avô que partilha com o neto Henrique, a partir de um velho caderno, deixado num baú, a parte mais significativa da sua história pessoal, o discurso, de contornos autobiográficos e memorialistas, e marcado por um estilo fluído e vivo, que se distingue pelo sensorialismo e por um uso sensível da metáfora, por exemplo, é composto por diversas referências a episódios dramáticos (a título exemplificativo, releia-se o capítulo 8, intitulado «O dia em que os soldados alemães entraram em nossa casa»), mas também a alguns momentos nos quais a infância e a sua natural capacidade de superação se destacam. Diversos apontamentos histórico-culturais pontuam esta novela, composta por 15 capítulos seguidos por um epílogo, e contribuem para o desenho de um cenário de conflito no qual o amor, a solidariedade e os livros e a leitura, mas também o medo, a guerra e a morte se impõem.

### Considerações finais

No caso português, sobretudo por razões contextuais, como o não envolvimento do país da Segunda Guerra Mundial ou a não localização da Primeira Guerra em solo nacional, o número de textos que recria os grandes conflitos bélicos mundiais é consideravelmente reduzido, resumindo-se a uma dezena de narrativas de extensão variável. É relevante sublinhar, contudo, como o envolvimento direto ou indireto dos autores nos conflitos determina o interesse pelo tema, como acontece com o Capitão Menezes Ferreira ou Ilse Losa. O relevo que o tema encontra na obra de José Jorge Letria é, igualmente, sintomático da importância que causas como a Liberdade, a Paz e a Democracia têm na sua produção literária e no seu percurso social e cívico, mas também da extensa produção do autor, abrangendo uma considerável multiplicidade de temas. Refira-se, contudo, que o tema tem suscitado o interesse dos leitores portugueses, como comprovam as publicações de traduções relevantes, nomeadamente o *Diário de Anne Frank* ou *O Rapaz do Pijama às Riscas*, por exemplo.

A ficção para a infância que representa conflitos ou guerras possibilita, pois, à criança um contacto mediado, metafórica e simbolicamente profundo, com discursos que negam a «historiografia a preto e branco», com relatos que não padecem de «ideological myopia» (Hunt, 2005: 22), com registos que substantivam dissonâncias e que, assim, poderão levar à compreensão daquilo que é, no fundo, incompreensível: a violência, o sofrimento, a perseguição, o sacrifício, o egoísmo, a morte, a guerra.



## Referências bibliográficas

### Obras analisadas

- Ferreira**, Capitão Menezes (2014), *João Ninguém: Soldado da Grande Guerra*, Lisboa: Bertrand.
- Letria**, José Jorge (2002), *Mouschi, o gato de Anne Frank*, il. Danuta Wojciechowska, Porto: Asa.
- (2007), *Campos de Lágrimas*, Porto: Ambar.
- Losa**, Ilse (1949), *O Mundo em que Vivi*, S.l.: S.n. Porto: Afrontamento, 2000, 21ª ed.
- (1985), «Apesar de tudo», in *A minha melhor história*, il. Luísa Brandão, Porto: Asa, 2ª edição, pp. 29-36.
- Osório**, Ana de Castro (1918), *De Como Portugal Foi Chamado à Guerra. História para Crianças*, Lisboa: Casa Editora Para as Crianças.
- Ribeiro**, Aquilino (1962), *O filho de Felícia ou a inocência recompensada*, il. Luís Filipe de Abreu, Lisboa: Livraria Bertrand, 2ª ed.
- Sérgio**, António (1914), *O Navio dos Brinquedos*, il. Vasco Lopes de Mendonça, Lisboa: Biblioteca da Renascença Portuguesa.
- Tomé**, Conceição Dinis (2013), *O Caderno do Avô Heinrich*, Lisboa: Presença.

